

MUITAS LÍNGUAS EM UMA

Por Fabíola Pereira Rodrigues Figueira (UFRJ) ^{III}

Por volta de 1304 o escritor italiano Dante Alighieri já falava a respeito da variedade linguística no tratado “De vulgari Eloquentia”, onde ele dizia que existem dois tipos de língua: uma que aprendemos quando crianças, imitando a nutriz e sem necessidade de nenhuma regra e uma outra que veio depois e os romanos chamaram de “gramática”, mas que pouquíssimos a usavam “corretamente”. Dizia também que para ele a mais nobre era a língua chamada “vulgar” porque mesmo sendo diferenciada em vocábulos e pronúncias diversas, era natural e o mundo inteiro a fluía, enquanto a outra era artificial. Hoje, oitocentos anos depois, seu texto permanece atual. Continuamos a discutir a variedade linguística, não só da língua italiana, mas de todas as línguas; continuamos a nos deparar com pessoas que são contra as variedades e dizem, me basearei a partir de agora apenas na língua portuguesa, que quem não fala como está escrito na gramática, está deformando a língua portuguesa, não sabe falar português e acaba entrando num problema social, marginalizando os falantes “não cultos” da língua dizendo, ainda, que são pessoas sem estudo, ignorantes, roceiras, analfabetas, etc. Sem esquecer também das diferentes pronúncias de região para região, que estas mesmas pessoas ao perceberem o sotaque do Nordeste do Brasil, por exemplo, já os chamam logo de “pau- de- arara”, “Paraíba”, “cabeça de balde”, entre outros, ou seja, o chamado “preconceito linguístico” esconde na verdade um preconceito social. Marco Bagno diz em uma entrevista à revista “ Discutindo a língua Portuguesa” que *“(…)é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, em seu poder aquisitivo, em seu grau de escolarização, em sua renda mensal, em sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor da sua pele, em seu sexo e outros preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais (...) os erros de Fernando Henrique são avaliados com critérios diferentes dos empregados para avaliar os erros de Lula, embora sejam muitas vezes, os mesmos “erros” do ponto de vista linguístico.”* Bagno não apenas menciona que esse preconceito é social, mas também dá como exemplo a maneira que são julgados os “erros” cometidos pelo ex-presidente e pelo atual presidente do Brasil, um ex-operário. Esta idéia é reforçada pelo linguista Maurizio Gnerre, quando diz que *“uma língua ou variedade vale o que valem os seus falantes”*, por isso a língua de prestígio é a que as classes mais cultas usam, já que tiveram mais estudo, melhores escolas, etc.

Um preconceito que também não é linguístico, mas sim político e social é que brasileiro não sabe falar português, como se no português de Portugal não houvessem variedades e “erros” gramaticais. Mas por Portugal ser um país de primeiro mundo, um país Europeu e por termos sido colonizados por eles, fica este sentimento de ser, ainda, uma colônia de Portugal, o que não somos mais há muito tempo, pois já nos tornamos independentes politicamente e linguisticamente estamos nos tornando aos poucos, pois nosso português está cada vez mais distante do português de Portugal, principalmente na pronúncia tanto que, o cinema português não é importado para o Brasil, pois é impossível entender as falas e seria um tanto estranho colocar legenda em português num filme que é falado em também português. Além

disso já existem termos diferentes ao se tratar do português falado em Portugal que é o “português europeu” e o português falado no Brasil “português brasileiro”.

Existem vários estudos e discussões a respeito destas variedades lingüísticas, as gírias, os jargões, etc, mas neste momento o importante é dizer para nossos alunos desde os primeiros anos de escolarização que o português que eles falam não é errado e que existe é uma grande variedade: de Portugal para o Brasil, do Rio de Janeiro para São Paulo, dentro do Rio de Janeiro, em diferentes grupos e assim por diante; e que a gramática é uma variedade da língua, com regras e que é importante aprendê-las, pois em alguns momentos de suas vidas precisarão usá-las e compreendê-las bem.

Referências bibliográficas:

- ALIGHIERI, Dante. “De Vulgari Eloquentia” in *Opere minori di Dante Alighieri*, vol. II, Torino: U.T.E.D, 1986
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que, como se faz*. 4ª edição, São Paulo: Loyola 2000
- BAGNO, Marcos. “Erro sobre “erro””. Revista discutindo língua portuguesa. São Paulo: Editora Escala, Edição Especial, Páginas 22 a 29.
- FARACO, Carlos Alberto. “Entre o banal e o mistério”. Revista discutindo língua portuguesa. São Paulo: Editora Escala, Edição Especial, páginas 18 a 21.
- HERNANDES, Nilson. “Acadêmico da marginalia” Revista discutindo língua portuguesa. São Paulo: Editora Escala, 11ª edição, 2008, Páginas 10 a 13.

^[1] Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Língua Italiana, Faculdade de Letras, UFRJ.